

DAMAS E CAVALEIROS N' A DEMANDA DO SANTO GRAAL

Adriana ZIERER¹

RESUMO: *A Demanda do Santo Graal* é uma novela de cavalaria cristianizada, escrita originalmente em francês e traduzida para o português em meados do século XIII. No texto o mais importante é a busca dos cavaleiros pelo Santo Vaso, o Graal, o cálice bebido por Cristo na Última Ceia, cujo sangue foi recolhido por José de Arimatéia após a crucificação e levado para a Inglaterra. Este objeto possuía características curativas e garantia prosperidade a Camelot, o reino de Artur. A figura da mulher na narrativa, embora muitas vezes seja misógina, em virtude de o texto haver sido redigido por membros do clero, tem papel fundamental, pois é o feminino a comprovar a pureza/impureza dos cavaleiros e sua possibilidade de cumprir a sua missão a bom termo. Neste sentido, é possível analisar a relação dos três eleitos principais, Galaaz, Persival e Boorz com o feminino, o que determina os graus de pureza entre eles, sendo o mais puro, Galaaz. Também é interessante observar a relação dos não eleitos a encontrar o Graal, como Morderete e Leonel, com as mulheres, bem como outros exemplos do papel das damas/donzelas nesse relato.

Palavras-chave: Damas, Cavaleiros, Pureza, *A Demanda do Santo Graal*

ABSTRACT: *The Quest for the Holy Grail* is a Christianized roman of chivalry, written in French and translated to Portuguese in the middle of the 13th century. In the text, the most important thing is quest of the knights for the Holy Vessel, the Grail, the chalice drunk by Christ at the Last Supper, whose blood was collected by Joseph of Arimathea after the crucifixion and taken to England. This object had healing properties and guarantee prosperity to Camelot, Arthur's kingdom. The figure of the woman in the narrative, although it is often misogynistic, because of the text has been written by members of the clergy, has a fundamental role, since it is the female to establish the purity/ impurity of the knights and their ability to fulfill their mission to fruition. In this sense, it is possible to analyze the relationship of the three main elected, Galahad, Perceval and Boorz with the feminine, which determines the degree of purity among them being the purest, Galahad. It is also interesting to note the relationship of unelected to find the Grail, as Mordred and Leonel, with women as well as other examples of the role of maidens/ladies in this manuscript.

Keywords: knights, ladies, purity, *The Quest for the Holy Grail*

Introdução

A Demanda do Santo Graal é uma novela de cavalaria produzida na França no século XIII num período de prosificação e cristianização da Matéria da Bretanha. O

¹ Doutora em História Medieval. Docente do Depto de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e professora colaboradora do Mestrado em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa *Brathair* (Grupo de Estudos Celtas e Germânicos, www.brathair.com) e *Mnemosyne* (Laboratório de História Antiga e Medieval). Participa da *Mirabilia* – Revista Eletrônica de Antiguidade e Idade Média (www.revistamirabilia.com).

relato, de autoria anônima, chegou a Portugal por escrito em meados desse século e teve grande difusão no reino².

A narrativa nos auxilia a compreender vários elementos do imaginário medieval, que pode ser caracterizado como a relação dos homens entre si, com Deus e com o invisível (SCHMITT, 1997) e tem como fontes principais as literárias e artísticas (LE GOFF, 2004, p. 12-13).

Através deste livro podemos observar os aspectos da cavalaria, seu papel na sociedade e uma tentativa de suavização nos seus costumes, através da imagem de um cavaleiro perfeito, modelo a ser mostrado à nobreza da época, envolvida em disputas por territórios e guerras privadas. Esse modelo é representado pela figura de Galaaz, virgem, puro e defensor da fé cristã, destinado aos mais altos feitos na Demanda.

O centro da narrativa é a busca dos cavaleiros pelo Graal, associado ao cálice bebido por Cristo na Última Ceia e com seu sangue vertido durante a Crucificação, que teria sido levado por um descendente de José de Arimateia para o Reino de Logres, garantindo prosperidade a Camelot.

No início do relato, quando estavam todos à volta da tábua redonda, o Santo Vaso logo aparece coberto por um pano branco, enchendo todos de luz e garantindo aos cavaleiros a plenitude material e espiritual. O Graal está relacionado ao caldeirão da abundância céltico e por isso possui elementos curativos e alimentares. No entanto, devido aos pecados do rei e da maior parte da corte arturiana, o objeto sagrado se afasta, só podendo ser encontrado por um pequeno grupo de cavaleiros eleitos.

Poucos são cavaleiros eleitos que veem o Graal uma segunda vez, pois a maior parte dos 150 são pecadores. Somente 12, em analogia aos apóstolos de Cristo, atingem o Graal. Além dos três principais: Galaaz, Persival e Boorz; outros três: Elaim o Branco, Lambeguez e Pinabel da Ínsua. E somando a eles mais seis cavaleiros que passam a integrar o grupo dos eleitos depois de iniciada a demanda (Palamades, Melians de Dinamarca, Artur o Pequeno, Claudim, Meraugis de Porlegues e Persidos de Calaz) (FERNANDES, 2010, p. 3).

A pureza dos eleitos é essencialmente relacionada à sua relação com o feminino.

Devido ao fato de o texto haver sido composto pelos *oratores*, o olhar sobre o feminino é muitas vezes misógino. É dito explicitamente que os cavaleiros não poderiam levar mulheres na demanda nem ter relações amorosas durante essa jornada espiritual, o que associava o feminino à figura de Eva: “E Naciam o ermitam vos envia dizer per mim que **niũ cavaleiro desta demanda nome leve consigo dona nem donzela, senam fará pecado mortal**” (grifo nosso) (DSG, 1995, p. 41-42).

No entanto, a visão da mulher na narrativa não se esgota no aspecto negativo, pois algumas possuem papel positivo através principalmente da ação como profetizas, boas religiosas, ou em conduzir os principais eleitos ao Graal. Ainda há um terceiro grupo que porta elementos ambíguos, sem serem totalmente boas ou más³.

² A *Demanda do Santo Graal* compõe um ciclo de cinco livros, a chamada de *Vulgata* da Matéria da Bretanha (1215-1230) ou ciclo do Pseudo-Boron, a saber: *L'Estoire du Saint Graal*, *L'Estoire de Merlin*, *Le Livre de Lancelot du Lac*, *La Queste del Saint Graal* e *La Mort d'Arthur*. A versão que chegou a Portugal por volta de 1250 é a segunda prosificação do ciclo da chamada Post-Vulgata (1230-1240), inspirada na *Vulgata*, mas com algumas diferenças, e que contém também elementos de outros ciclos, como o do *Tristan en Prose*. A Post-Vulgata é composta por três livros, inclusive com a fusão de *A Demanda do Santo Graal* e a *Morte do Rei Artur*, versão utilizada neste trabalho. Alguns autores defendem que a *Vulgata* também circulou na Península Ibérica.

³ Sobre os elementos femininos, entre as mulheres boas temos a donzela feia (profetiza), a irmã de Erec, a irmã de Erec, entre outras. A principal mulher boa na narrativa é a irmã de Persival que conduz os três cavaleiros eleitos ao local do Santo Graal e entrega a Galaaz a espada da estranha cinta, feita com a

Um aspecto fundamental a ser enfatizado é que são as donzelas/damas o elemento fundamental a determinar o grau de pureza dos eleitos. Também ajudam a identificar aqueles que não são destinados ao sucesso na demanda do Graal em virtude de mostrar cavaleiros possuidores de vários pecados, como a luxúria e outras faltas relacionadas à falha de caráter, como veremos a seguir. Por isso, este trabalho se aproxima dos estudos do imaginário e dos estudos sobre gênero, calcados nas relações entre homens e mulheres (SCOTT, 1994). Ainda que a obra apresente certo grau de misoginia, o papel feminino é fundamental para atribuir qualificativos positivos ou negativos aos cavaleiros.

I. Cavaleiros Eleitos e suas Provações

I.1 Galaaz, o Eleito Principal da Demanda

No início da Demanda chega ao reino Galaaz e pede para ser armado por Lancelot. Com a sua chegada ao reino, vários prodígios ocorrem: ele senta no assento perigoso, destinado ao predestinado (outros que se sentassem ali morreriam) e consegue retirar da pedra ou pedrão uma espada, que neste caso, representa uma prova espiritual. Logo é descoberto que Galaaz é o filho de Lancelot com a filha do rei Pelles, o guardião do Graal, que se encontrava enfermo e só poderia ser curado pelo jovem. A concepção do cavaleiro havia sido ocasionada por meio de encantamento, uma vez que Lancelot era apaixonado pela rainha Guinevere (Genevra), a esposa de Artur. Portanto, o filho era bastardo e pairava sobre ele o pecado da luxúria cometido por seus pais.

Ao mesmo tempo a narrativa explica que ele era o cavaleiro escolhido para dar cabo das aventuras do Santo Vaso e que Deus quisera mostrar que mesmo tendo sido concebido no pecado, Galaaz era uma “coisa santa e honrada”.

Segundo a concepção da narrativa ele supera o seu pai na medida em que é virgem e se dedica integralmente as ações de orar, jejuar, se confessar e defender o cristianismo, tornando-se a partir de então, o “melhor cavaleiro do mundo”, posto que em outros relatos pertencia a seu pai, Lancelot, ou ainda o “melhor dos melhores”.

Galaaz usava uma estamemha (túnica de lã com farpas) para lembrá-lo do seu compromisso espiritual. Ao longo da narrativa, recebe vários objetos que confirmam o seu caráter de eleito principal para encontrar o Santo Vaso: o escudo branco com a cruz vermelha (em alusão aos templários e aos Cruzados), feito com o sangue das narinas de Josefes, o filho de José de Arimateia, a espada da estranha cinta, que só podia ser desembainhada por ele, e a espada do Pedrão.

Também vence todos os seus inimigos nos combates e chega a converter um muçulmano, Palamades, ao cristianismo. Suas ações o aproximam da santidade, na medida em que cura leprosos, faz um parálítico andar e expulsa um demônio, ações em analogia com os feitos de Cristo.

Os eventos da narrativa parecem confirmar o seu papel de eleito para encontrar o Santo Graal e curar o seu avô, o Rei Pelles. Vejamos a principal provação de Galaaz.

I.1.1 Galaaz e a Filha do Rei Brutus

correia dos seus cabelos. Quantos às mulheres ambíguas, com elementos ao mesmo tempo bons e maus, podemos destacar as rainhas Guinevere e Isolda, e a irmã de Artur, Morgana. Ver ZIERER, 2011a e ZIERER, 2012a.

Os cavaleiros eleitos, Galaaz e Boorz, chegam a um castelo para receber hospedagem, a convite do rei Brutus. Ali estava a filha do soberano, jovem muito bela, de 15 anos, que ao ver Galaaz se apaixona perdidamente e deseja secretamente passar a noite com ele. A seguir é travado um diálogo entre a donzela e sua ama, no qual a primeira se deixa levar por suas emoções, ligadas ao desejo carnal e à irracionalidade. Já a ama tenta convencê-la com argumentos a desistir do seu intento, o que a donzela parece aceitar num primeiro momento.

Na Demanda são comuns os pares das mulheres boas *versus* mulheres más e aqui temos um quadro de mulher sábia *versus* jovem inconsequente. Vejamos o quadro 1:

Quadro 1. A Filha do Rei Brutus e a Ama: Reflexão *versus* Irracionalidade

AMA	DONZELA
Ponderada, dá bons conselhos (DSG, 1988, p. 98-99)	“louca”, “encantada” (DSG, 1988, p. 99)
Pede que desista de ficar com o cavaleiro, pois isso traria desgraça	Se não tivesse Galaaz naquela noite, se mataria (DSG, 1988, p. 97 e p. 98)
Lembra da alta condição social da jovem, e do fato de que o cavaleiro estava de passagem, iria embora logo (DSG, 1988, p. 99)	Não consegue tirar o cavaleiro da cabeça: chora e se desespera (DSG, 1988, p. 99)
Caso efetivasse o seu desejo o pai descobriria e muitas mortes ocorreriam (DSG, 1988, p. 98-99)	Aparentemente, parece concordar com a ama e aceitar seus conselhos DSG, 1988, p. 99)
Por ser mais velha aconselha com base na reflexão e ponderação ⁴ (DSG, 1988, p. 98)	Por ser jovem é dominada pelos desejos carnis e continua com seu intento DSG, 1988, p. 99-100)

A donzela, que parecera acatar as ponderações da ama, logo a seguir se dirige ao quarto de Galaaz, que dormia profundamente. Encontra logo a estamena, espécie de proteção do cavaleiro contra os desejos da carne. O cavaleiro acorda e rechaça a donzela:

- Ai donzela, quem vos enviou aça? Certas, mau conselho vos deu; e eu cuidava que de outra natura érades vós; e rogo-vos, por cortesia e por honra de vós, que vos vaades daqui, ca, certas, **o vosso fol pensar nom catarei eu, se Deus quiser, Ca mais devo dultar perigo de minha alma ca fazer a vossa vontade** (DSG, 1995, p. 93) (grifo nosso).

Pode-se observar pelo trecho acima que Galaaz pensa primeiro nas obrigações que tinha com Deus e pede que a jovem se retire. Ele enfatiza que ela deveria pensar na sua linhagem e no pai e que deveria evitar uma atitude que levaria a desonra de si própria.

Ela, porém, autoelogia sua própria beleza e diz que ele teria que ficar com ela:

“- Como, cavaleiro, todavia queredes seer tam vilão que me nom queres al fazer?” (DSG, 1995, p. 94)

⁴ [...] entrou sua ama, que era mulher de grande experiência, que a criara desde pequena e a amava como se fosse sua filha (DSG, 1988, p. 98).

Ao perceber o caráter inquebrantável do cavaleiro ante ao seu pedido, pega a espada de Galaaz e ameaça se matar, o que segundo ela, também levaria à morte dele. O jovem promete realizar o que ela desejava, por temer que ela perecesse: “Ai donzela, sofre-te um pouco que eu farei todo o teu prazer” (DSG, 1995, p. 94), mas a donzela efetivamente se mata, havendo uma analogia entre o ato sexual e a espada que ela usa para cometer o suicídio. A seguir o rei Brutus acorda e todos os homens do castelo entram em combate contra Boorz e Galaaz. É Boorz quem realiza a ação, vencendo a todos. O rei Brutus se convence que os cavaleiros eram inocentes da morte da filha.

*

A jovem de 15 anos está claramente associada à figura de Eva. É marcada pela irracionalidade e o desejo incontrolável de cometer a luxúria, que acabam por ocasionar a sua morte. A visão sobre ela é a da mulher sedutora, culpada pelas más ações que os homens praticam, indo ao encontro das visões preconceituosas do meio eclesiástico sobre o feminino.

Para o capelão Étienne de Fougères, por exemplo, que escreveu o *Livre des Manières* (Livro das Maneiras), no século XII, as mulheres eram portadoras de vários vícios, buscando dominar os homens por meio de encantamentos (como vemos ocorrer algumas vezes na Demanda), são tentadas ao adultério, vingativas, pérfidas, realizam feitiços abortivos e contra os maridos (DUBY, 2001, p. 14-15)

O episódio reforça a pureza do cavaleiro eleito. Ele não se sentiu tentado nas primeiras investidas da moça, mas depois aceitou cometer o ato sexual, que o impediria de encontrar o Santo Vaso, para garantir a integridade da vida da donzela, no momento em que viu que esta poderia se matar. A atitude de Galaaz representa o ápice da ação cristã de primeiro pensar no outro, mesmo que isso prejudicasse os seus intentos de encontrar o Santo Vaso, em detrimento de si próprio. Por isso, o episódio vem a confirmar a sua primazia no grupo dos escolhidos.

I.2 Persival: o “segundo” dos cavaleiros eleitos

Foi Chrétien de Troyes o primeiro autor a mencionar o termo “graal”, na sua obra *Perceval ou le Conte du Graal* (*Perceval ou o Cavaleiro do Graal*). No *Conto do Graal* ele é o personagem principal a encontrar o Graal e tem a função de curar o rei pescador, seu tio. Nesta obra o Graal é um prato, uma travessa e já aparece com a função de alimento e de cura. Também está associado à hóstia, único alimento do pai do rei Pescador, também tio de Perceval. “Essa hóstia é tão santa que sustenta e conforta a sua vida, e ele próprio é tão santo que nada o faz viver exceto essa hóstia no Santo Graal” (CHRÉTIEN DE TROYES, 1992, p. 111).

Devido à sua imaturidade, o cavaleiro não realiza a pergunta sobre o que seria o cortejo do Graal, ação que curaria o rei paralítico. A obra terminou inacabada e nas continuações o cavaleiro realiza o seu intento.

Com a prosificação da Matéria da Bretanha, ele continua um cavaleiro escolhido, mas não é o eleito principal, sendo ultrapassado em pureza pela imagem do perfeito Galaaz. Realiza importantes ações, como impedir que um ermitão tentado pelo Diabo se suicidasse (DSG, 1995, p. 149) e cura a perna queimada de Lancelot (DSG, 1995, p. 166), que havia recebido este castigo após haver sonhado que estava no Inferno, devido ao seu amor ilícito pela esposa do rei Artur. Por duvidar da veracidade do sonho, Lancelot acorda com a perna em chamas e é curado por Persival, o que é mais um traço da sua pureza, que contrasta com a luxúria de Lancelot.

A tentação de Persival vai ser efetivada a seguir, no episódio da donzela grega.

I. 2.1 Persival e a Donzela Grega

Um dia quando estava sozinho apareceu-lhe uma bela jovem grega afirmando que estava perdida. O fato de ser originária da Grécia, portanto, pagã, já é um traço negativo. O jovem começa a ficar enamorado pela moça. Quando ia cometer o pecado, vem uma voz do Céu, manifestação divina, e ele cai desmaiado. Ao acordar a donzela havia se transformado no Diabo: “viu a donzela rir, e, quando a viu rir, maravilhou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de **donzela polo enganar e o meter em pecado mortal**” (DSG, 1995, p. 202) (grifo nosso).

O riso assume aqui um forte traço demoníaco e o feminino se transfigura na presença física do Diabo. Tanto a filha do rei Brutus como a donzela grega apresentam aspectos do mal que são corporificados no demônio em si, no caso desta última.

Pelo fato de em narrativas anteriores Persival ter a primazia no encontro do Graal, na decifração dos seus mistérios e na cura do rei Pescador, ele continua a possuir papel fundamental na Demanda. É casto e ao fim da narrativa se torna ermitão, morrendo um ano depois de completada a aventura em Sarras, no Oriente.

No entanto, é efetivamente tentado pelo Diabo sendo impedido de cometer a luxúria por Deus, ao contrário do que aconteceu com o filho de Lancelot, que venceu a tentação da filha do rei Brutus. Segundo Buescu, Persival é um herói mais humano que Galaaz, o qual caracterizado como um eleito sem falhas (BUESCU, 1991, p. 189-190). Os dois companheiros de Galaaz atingem a santidade após provações e a entrada na vida religiosa (CHORA, 2012, p. 24). Já o “puro dos puros” é um predestinado que desde o início cumpre um destino já traçado.

I. 3 Boorz e a castidade

Completando a trilogia dos cavaleiros eleitos temos a figura de Boorz. Este havia cometido o ato sexual somente uma vez na vida, em virtude de haver sido enfeitiçado por uma jovem que desejava ter um filho de um dos cavaleiros da tábua redonda. Na Demanda nenhuma ação sua é condenada, com exceção dessa única vez que exerceu a sexualidade involuntariamente. Por esse motivo ele é o terceiro dos eleitos em ordem de pureza, por haver tido relações íntimas fora do casamento. Os dois primeiros são virgens e ele é casto.

Seu filho, Elaim, o Branco, também é um dos cavaleiros eleitos da Demanda a encontrar o Graal. Boorz passa toda a narrativa jejuando, rezando e se confessando com os eremitas que encontrava ao longo do caminho. Dos três cavaleiros eleitos ele é o único que retorna ao reino de Logres (os outros dois morrem), contando as aventuras e se tornando ermitão ao fim do relato, o que completa o seu processo de santificação. Como observaremos ao tratar do cavaleiro Leonel, seu irmão, Boorz também se preocupa em proteger as mulheres em perigo e por este motivo salva uma donzela prestes a ser violentada ao invés de auxiliar o irmão, o que gera uma situação de conflito entre os dois.

*

II. Cavaleiros Pecadores

Uma das características dos cavaleiros eleitos é o fato de possuírem as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade) e cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança), além de outras, como a bondade e a simplicidade. Já os cavaleiros

pecadores são imbuídos dos sete pecados capitais (luxúria, avareza, preguiça, orgulho, ira, gula e inveja), sendo o mais enfatizado, a luxúria, mas há também outros elementos, como o orgulho.

Ramon Llull no seu manual composto no século XIII com o intuito de cristianizar os cavaleiros, o *Livro da Ordem de Cavalaria*, além de falar das virtudes e vícios dos guerreiros, critica o comportamento deste grupo, afirmando que eles cometiam a luxúria e atacavam os fracos, como as mulheres e os camponeses (LLULL, 2000, p. 39). Vejamos o trecho abaixo, sobre o pecado da luxúria:

[...] na Cavalaria deveria ser evitado mais fortemente do que o é o vício da luxúria; e se fosse punido o vício da luxúria como deveria, de nenhuma Ordem seriam expulsos tantos homens como da Ordem de Cavalaria (LLULL, 2000, p. 47). (grifos nossos)

Os bons cavaleiros, segundo Llull, frequentavam as missas, protegiam quem deles necessitavam e defendiam o cristianismo, lutando contra os muçulmanos. O ideal de nobre proposto por Llull é o mesmo que encontramos na Demanda: o cavaleiro cristão.

Erec parecia ter todos os elementos do bom cavaleiro, mas vemos depois que ele se deixa levar pelo pecado do orgulho, não podendo por isso encontrar o santo Graal. Podemos fazer uma oposição simbólica entre este cavaleiro e Galaaz que se dispôs a perder a sua condição de eleito para salvar a vida da donzela no castelo do rei Brutus.

II. 1 Erec, entre o amor fraternal e o orgulho

Conhecido como “o que não mente”, Erec um dia promete um dom a uma donzela, sem saber do que se tratava. Mais tarde ela afirma que o que desejava era a cabeça da irmã dele. Antes disso o jovem tem um sonho no qual uma loba abate um cordeiro, associado a Cristo e à sua irmã (ZIERER, 2011b, p. 35). Preso ao rígido código da cavalaria, no qual manter a palavra dada é um dos pilares, Erec implora aos companheiros que o matassem, afirmando que se tal não ocorresse teria de manter a sua palavra, mesmo que para isso, tivesse de matar uma inocente. Vemos nesse episódio mais um par donzela boa (irmã de Persival, inocente) *versus* donzela má (a que pede a sua cabeça e “tenta” o cavaleiro, já que o instiga a cometer um assassinato, associada à loba do sonho).

Aqui o que evidencia o seu pecado é o fato de cometer uma má ação contra uma mulher sem mácula, que ainda por cima era a sua irmã. Assim, embora aparentemente fosse um bom cavaleiro, que usava com destreza as armas, Erec não conseguiu vencer a provação da Demanda, na qual necessitava se sacrificar (isto é, sacrificar a sua honra, a palavra dada) e por este motivo, tomado pelo orgulho, cometeu um pecado mortal, sendo impedido de ser vencedor em dar cabo das aventuras do Santo Vaso.

Num outro momento Erec cai numa fonte onde aqueles que não fossem virgens ficariam paralisados. Consegue sair dali com a ajuda das donzelas da fonte. Portanto, além de possuir o pecado do orgulho, ele também já havia incorrido no passado no pecado mais enfatizado na narrativa, a luxúria (ZIERER, 2012b, p. 44).

Após a morte da boa donzela a má leva a sua cabeça, o que parece estar ligado a reminiscências de fundo céltico quando se cortava a cabeça dos inimigos para obtenção de sua força, uma vez que se acreditava entre os celtas que a força vital provinha da cabeça (STERCKX, 2009, p. 351). A donzela má é logo punida por Deus, que envia fogo contra ela, ao passo que a cabeça da irmã de Erec fica intacta. Já o cavaleiro

arrependido logo tem o seu castigo: é atacado mesmo estando ferido por Galvam, que o mata, ainda que Erec pertencesse à tábola redonda.

II.2 Leonel e a Ira

Outro cavaleiro que parecia também possuir todos os elementos do bom combatente é Leonel, irmão de Boorz. Ocorre um episódio no qual o primeiro é cercado por guerreiros em maior número que queriam matá-lo. Neste momento se aproxima Boorz que vê diante de si duas situações de perigo: além do seu irmão ameaçado de morte, vê também uma donzela sendo arrastada, que seria violentada.

Seguindo o código da cavalaria – proteger primeiramente os fracos, Boorz reza a Deus para proteger o seu irmão e salva a donzela. Leonel, em virtude da oração do irmão, sai ileso do episódio, mas é tomado pela fúria contra o ente fraterno e decide matá-lo:

- Boorz, nom faleceu por vós de seer eu morto noutro dia, quando vistes que os dous cavaleiros me levavam e **vós nom me quisestes acorrer, ante acorrestes a ùa donzela que nom sabíades quem era**. Nunca irmão fez tam gram deslealdade como vós fezestes aquela hora; e por aquele feito vos desafio, assi que nom há i al se morte nom; ca ja mais **nom serei ledoo ataa que me vingue de quanto me vós fezestes** (DSG, 1995, p. 140) (grifo nosso)

Leonel não demonstra reflexão, somente a raiva, o sentimento incontrolável de vingança, que se assemelha aos cavaleiros turbulentos do século XIII que atacavam propriedades, provocando guerras privadas e que por este motivo, no dizer do sociólogo Norbert Elias, necessitavam ter as suas ações suavizadas, através de ideais criados na época, como o da cortesia (ELIAS, 1994, p. 74-76 e p. 190-191). Outra forma de controle sobre essa nobreza é a noção do cavaleiro cristão, apresentada em obras como *O Livro da Ordem de Cavalaria* e em *A Demanda do Santo Graal*, no qual o bom nobre é essencialmente um bom cristão e obediente à Igreja.

De nada adiantam as tentativas de explicação de Boorz; o irmão investe contra ele, mas este se recusa ao combate. Tentando impedir a sua morte, buscam protegê-lo um ermitão e o cavaleiro Calogrenante. Ambos são covardemente mortos por Leonel. A morte de um clérigo era um pecado gravíssimo segundo o código da cavalaria e já desde o século X, com a Paz de Deus, a Igreja Católica proibia a morte de religiosos por cavaleiros (ZIERER, 2012b, p. 46).

Depois dessas mortes, Boorz aceita lutar contra o irmão, mas por ser um dos cavaleiros eleitos, Deus envia o fogo para separá-los, impedindo que Boorz cometesse um pecado mortal, o fratricídio.

A ação de Leonel, ligada ao pecado da ira, é um alerta contra as atitudes violentas dos cavaleiros na sociedade medieval, que, além de realizarem guerras privadas, atacavam mulheres, camponeses e clérigos, conforme apontou Lull no *Livro da Ordem de Cavalaria*, ao contrário das indicações dos *oratores*.

Leonel e Erec, bem como outros maus cavaleiros a serem mostrados a seguir, espelham uma nobreza que deveria ser controlada e voltada aos ideais cristãos, de forma a manter harmoniosa a estrutura da sociedade, evitando outros perigos como as revoltas camponesas e o esfacelamento da estrutura feudal pelas guerras entre a nobreza.

II.3 Lancelot e Tristão: a luxúria

Lancelot e Tristão em outras narrativas compostos no século XII como respectivamente, em *Le Chevalier a la Charrete* e *Tristan et Iseult*, eram considerados

como modelos de cavaleiros, caracterizados pela bravura, coragem, destreza, boa educação e por serem fiéis ao amor por uma dama. São muitas vezes feitos de marionetes por elas, devendo realizar todos os seus desejos (MARTIN, 1996, p. 329-331). Eles se inserem no modelo do amor cortês. São apaixonados por damas casadas e concretizam esse amor adúltero.

O amor cortês tem duas facetas: no trovadorismo muitas vezes é platônico, no qual o sofrimento pela dama é uma maneira do homem testar os seus limites e realizar o autocontrole. Já no romance cortês esse amor é concretizado, sem que os amantes sejam punidos por isso (ZIERER, 2011a, p. 244).

No entanto, como a Demanda se caracteriza pela busca de um objeto espiritual através de uma jornada mística, somente aqueles que estivessem afastados da sexualidade o encontrariam, motivo pelo qual o amor cortês é severamente criticado.

Por causa disso, nenhum dos dois cavaleiros conseguirá encontrar o Santo Vaso. Lancelot se debate ao longo da narrativa em continuar ou deixar o seu amor por Genevra, sem conseguir se desligar deste amor. Em virtude dessa dualidade, terá vários sonhos premonitórios nos quais vê vários pecadores queimando no Inferno em virtude de suas faltas, tais como Tristão e Isolda e ele mesmo e a rainha Guinevere. A amada se encontra nua, com a língua para fora da boca, queimando e dizendo que estava sofrendo e que ele sofreria ainda mais que ela (DSG, 1995, p. 160). Um dos sonhos vai ser uma ameaça tão real que ele acorda com a perna queimando, sendo salvo por um dos cavaleiros eleitos, Persival, como vimos.

Num determinado momento consegue chegar a Corberic, onde estava o Santo Vaso, mas não pode se aproximar desse objeto pelos seus pecados, ficando doente e desacordado por 25 dias, em analogia aos seus vinte cinco anos como cavaleiro da Igreja e do pecado que cometera com a rainha (DSG, 1995, p. 400-402). Depois tenta se desvencilhar do amor por ela, usa uma estamena por um período e passa uma temporada com seu filho Galaaz. Mas depois sucumbe de novo ao amor e volta a cometer o adultério.

Vai ser somente com a morte de Guinevere que se abre a possibilidade de salvação de Lancelot. A partir deste momento ele se torna ermitão e tem a possibilidade de expiar os seus pecados.

II.4 Cavaleiros Pecadores e Maus: Galvão e Mordete

Há na narrativa alguns cavaleiros cujas ações são condenáveis. Galvão é o primeiro a jurar que participaria da Demanda. No entanto, aparece uma donzela feia na corte e afirma que um dos cavaleiros mataria vários de seus companheiros na expedição. Ela pede que todos segurem a espada que trazia, e quando esta ficasse da cor do sangue, o cavaleiro não deveria participar da Demanda para evitar desgraças. A espada se torna rubra ao ser tocada por Galvão (DSG, 1995, p. 39).

O rei Artur pede que o sobrinho não vá, mas este despreza a profecia da mulher, que é cumprida: ele mata dezoito de seus companheiros na aventura. Galvão que em outras narrativas tinha caráter positivo e era um bom cavaleiro, nesse manuscrito é um exemplo de mau combatente.

Na Demanda ele é mentiroso e mata cavaleiros mesmo desarmados e feridos ou sabendo que alguns são seus companheiros da tábua redonda, como é o caso do assassinato de Erec. Por isso fica conhecido como “o cavaleiro do diabo”, no relato. Não segue o código da cavalaria e mata Erec, bem como vários outros companheiros seus.

Duas mulheres o acusam de suas más ações. Em primeiro lugar a donzela feia, que desaconselha a sua ida na Demanda. Depois a irmã de Ivã de Cenel, que havia sido morto por ele e que afirma que Deus a vingaria e iria pedir justiça, dirigindo-se à corte arturiana contra as más ações de Galvam ao matar bons cavaleiros, como seu irmão e o cavaleiro Patrides (DSG, 1995, p. 109-110).

Outro cavaleiro cujas ações são condenáveis é Morderete. Ele ataca mulheres com maldade, chegando a matá-las. Além disso, comete o pior pecado possível: a morte do próprio pai, o rei Artur. A donzela feia no início do relato havia previsto que Galvam e Morderete só cometeriam más ações: “- Galvam, cree que tu e Morderet, teu irmão, nom nascestes senam por fazerdes maas aventuras e doorosas (DSG, 1995, p. 48). Essas previsões realmente se confirmam, o que mostra a importância da figura feminina no relato.

Conclusão

Como foi possível observar, um dos propósitos da novela de cavalaria *A Demanda do Santo Graal* é cristianizar os cavaleiros e buscar o controle da sua agressividade, que deveria estar voltada para as lutas contra os muçulmanos.

Alguns cavaleiros que em obras anteriores eram louvados, como, por exemplo, Lancelot, têm agora as suas ações condenadas, ao passo que o elogio é voltado à virgindade, obediência aos clérigos e prática das ações cristãs.

Outro elemento fundamental a ser salientado é que os cavaleiros são considerados bons os maus de acordo com o seu comportamento com relação ao feminino. Os guerreiros que conseguem controlar o desejo sexual são os mais valorizados, razão pela qual Galaaz é o eleito por excelência a realizar as ações mais importantes na narrativa. A pureza é medida pela ausência da sexualidade e do desejo sexual.

Cavaleiros considerados bons em outros relatos, mas que mantêm relações ilícitas com mulheres casadas, como Tristão e Lancelot, são agora criticados com sonhos relacionados ao Inferno e não conseguem ver outra vez o Santo Vaso, não conseguindo sucesso nessa aventura mística.

Outros combatentes são também tomados por pecados como o orgulho e a ira, em ações que envolvem mulheres. É o caso de Erec que, para manter a palavra dada, foi capaz de matar uma mulher inocente, sua própria irmã, e também de Leonel, que não se conformou pelo fato de o irmão ter preferido salvar uma donzela em apuros do que ele. Pelo seu desejo de vingança, cometeu grave pecado, matando um cavaleiro inocente e um ermitão, o que provava que não estava apto a encontrar o Santo Vaso.

Ainda há guerreiros maus e vingativos no relato, como Galvam e Morderete, que não somente atacam os companheiros da tábua redonda, mas empreendem ações negativas. Galvam é repreendido por duas mulheres: a donzela feia, contrária a sua ida à Demanda e a irmã de Ivã, que promete vingança contra ele, pois ela o havia visto matar o seu irmão e outro cavaleiro. Por fim, Morderete ataca mulheres indefesas, realizando a luxúria contra a vontade delas e depois as mata, denotando um caráter altamente pernicioso.

Desta forma, embora a narrativa tenha uma visão muitas vezes misógina sobre o feminino, a relação damas/donzelas e cavaleiros ocupa um papel fundamental no relato, pois é através do relacionamento que possuem com o feminino, se de respeito ou desprezo é que os cavaleiros são considerados dignos ou não para encontrarem o Santo Graal.

REFERÊNCIAS

FONTES

- A Demanda do Santo Graal*. Ed. de Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1995.
- A Demanda do Santo Graal*. Texto sobre os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- CHRÉTIEN DE TROYES. “Lancelot ou o Cavaleiro da Charrete”. In: *Romances da Távola Redonda* (Trad. Rosemary Abílio). São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 119-197.
- CHRÉTIEN DE TROYES. *Perceval ou o Romance do Graal*. (Trad. Rosemary Abílio). São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- RAMON LLULL. *O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283)*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

ESTUDOS

- BUESCU, Maria Gabriela C. *Perceval e Galaaz, Cavaleiros do Graal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1991.
- CARDINI, O Guerreiro e o Cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 57-78.
- CARDINI, F. Guerra e Cruzada. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSC, 2002, v. 1, p. 473-487.
- CHORA, Ana Margarida. Os Cavaleiros do Graal e o Anti-Heroísmo Hagiográfico. *Medievalista on line*. Lisboa, Instituto de Estudos Medievais, v. 12, Julho-Dezembro 2012, p. 1-29. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>
Acesso em 30/01/2013.
- DUBY, Georges. *Eva e os Padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DUBY, G. *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. “História Social e Ideologias das Sociedades.” In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos Problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, vol. 1.
- FERNANDES, Raúl César. Maravilhas e Aventuras n’A *Demanda do Santo Graal*. *Especulo*. Revista de Estudos Literários. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2010, v. 45, p. 1-14. Disponível em: www.ucm.es/info/especulo/numero45/sinalesp.html, acesso em 20/01/2013
- FLORI, Jean. *A Cavalaria*. São Paulo: Madras, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LE ROUX, Françoise e GUYONVARCH, Christian-J. *A Civilização Celta*. Lisboa: Europa-América, 1990.
- MARTIN, Hervé. *Mentalités Médiévales XI-XV siècle*. Paris: PUF, 1996.
- MEGALE, Heitor. *O Jogo dos Anteparos. A Demanda do Santo Graal: A Estrutura Ideológica e a Construção da Narrativa*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. Rio de Janeiro: Cultrix, 1975.
- MONGELLI, Lênia Márcia. *Por quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. São Paulo: Íbis, 1995.
- PASTOREAU, Michel. *No Tempo dos Cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHMITT, Jean-Claude. Idade Média: Ontem e Hoje/Iconografia Medieval Conferência ministrada na Universidade Federal Fluminense em 1997.

SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 63-95.

STERCKX, Claude. *Mythologie du Monde Celte*. Paris: Marabout, 2009.

ZIERER, Adriana M. de S. Entre Ave, Eva e as Fadas: as visões femininas na *Demanda do Santo Graal* In: OLIVEIRA, Terezinha e VISALLI, Angelita (Orgs.). *Leituras e Imagens da Idade Média*. Maringá: Eduem, 2011a, p. 233-271.

ZIERER, Adriana M. de S. Entre Eva e Maria. A ambiguidade Feminina n' *A Demanda do Santo Graal*. XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP). *Anais ...* São Luís, ABRALIP, 2012a, p. 20-41. Disponível em: www.abraplip.org/anais_abraplip/images/stories/Adriana%20Zierer.pdf
Acesso em 25/02/2013.

ZIERER, A. M. S. Virtudes e Vícios dos Cavaleiros n' *A Demanda do Santo Graal*. In: MONGELLI, Márcia (Org.). *De Cavaleiros e Cavalarias. Por terras de Europa e Américas*. São Paulo: Humanitas, 2012b, p. 37-47. Disponível em: <http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/37-47.pdf>
Acesso em 20/01/2013.

ZIERER, Adriana. Literatura e História n' *A Demanda do Santo Graal*: o rei, o cavaleiro e a mulher. In: ZIERER, Adriana, FEITOSA, Márcia Manir (Orgs.). *Literatura e História Antiga e Medieval: olhares interdisciplinares*. São Luís: EDUFMA, 2011b, p. 13-44.

RECEBIDO EM 30-04-2013
APROVADO EM 10-05-2013